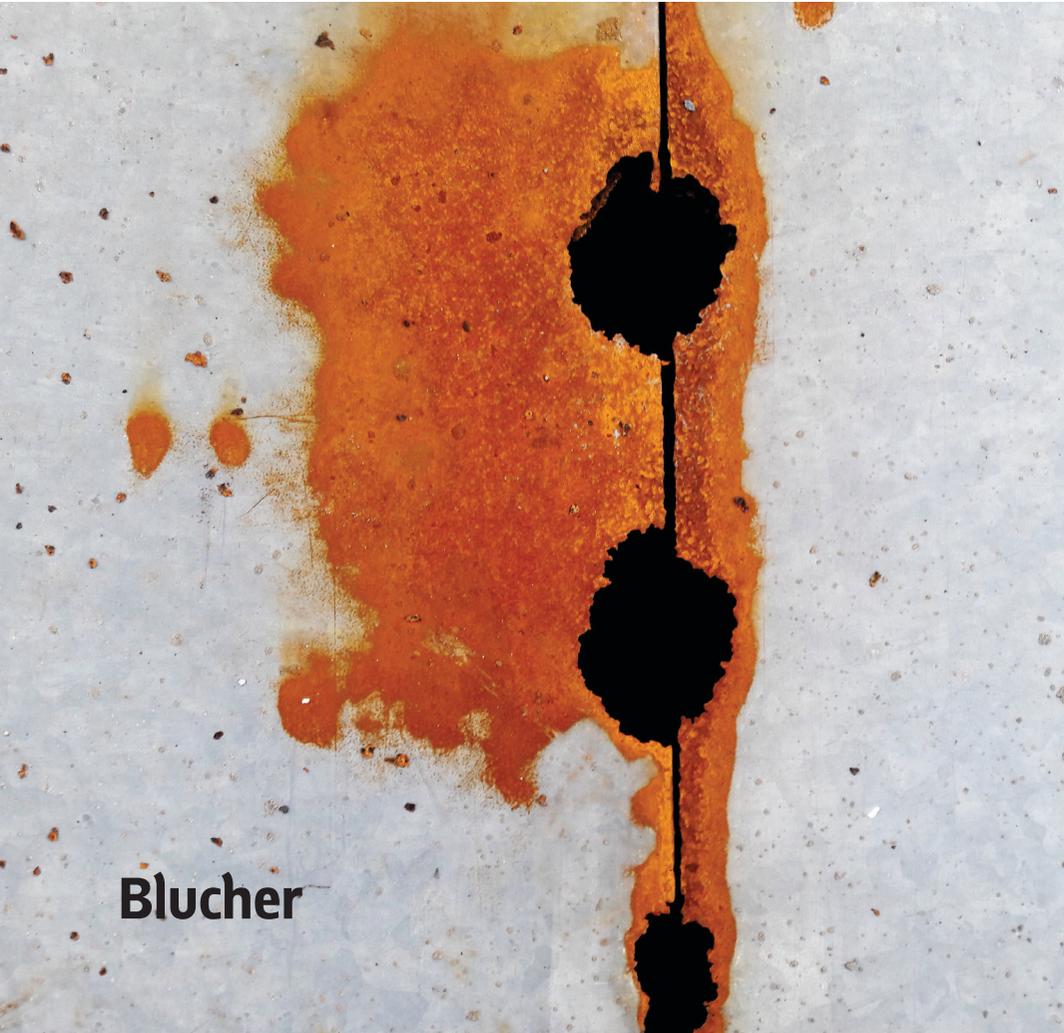


Thais Siqueira

Trauma

Metapsicologia e clínica de Sigmund Freud



Blucher

TRAUMA

Metapsicologia e clínica de Sigmund Freud

Thais Siqueira

Trauma: metapsicologia e clínica de Sigmund Freud

© 2024 Thais Siqueira

Editora Edgard Blücher Ltda.

SÉRIE PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Coordenador da série Flávio Ferraz

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenador editorial Rafael Fulanetti

Coordenação de produção Andressa Lira

Produção editorial Luana Negraes

Preparação de texto Beatriz J. F. Acencio

Diagramação Negrito Produção Editorial

Revisão de texto Maurício Katayama

Capa Leandro Cunha

Imagem da capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Siqueira, Thais

Trauma : metapsicologia e clínica de Sigmund Freud / Thais Siqueira – São Paulo : Blucher, 2024.

168 p. (Série Psicanálise Contemporânea / coord. de Flávio Ferraz)

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2240-8

1. Psicanálise. 2. Freud, Sigmund, 1856-1939.
I. Título. II. Ferraz, Flávio. III. Série.

24-3798

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

Agradecimentos	9
Prefácio	13
<i>Luís Claudio Figueiredo</i>	
Introdução	17
1. A primeira década (1890-1900): do corpo estranho interno à sedução; da anamnese à escavação conjunta	37
2. A segunda década (1901-1910): da natureza endógena do sexual à significação formativa do trauma; da investigação arqueológica à descrença na Neurótica	53
3. A terceira década (1911-1920): dos pontos de fixação à verdade pré-histórica; da interpretação ao elogio à paciência	69
4. A quarta década (1921-1930): do “Cadê? Achou!” ao “ <i>Fort-da</i> ”, do outro ao próprio, e vice-versa	95

5. A quinta década (1931-1940): da dor psíquica aos “restos vivos”; da reconstrução à comoção	115
Considerações finais	135
Referências	151

Introdução

Viena, 9 de dezembro de 1899

IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

...

É possível que eu tenha logrado êxito, recentemente, em ter um primeiro vislumbre de uma coisa nova. O problema que me confronta é o da “escolha da neurose”. Quando é que uma pessoa fica histérica, em vez de paranoide? Em minha primeira tentativa grosseira, feita numa época em que eu ainda estava tentando tomar a cidadela à força, achei que isso dependia da idade em que ocorria o trauma sexual – da idade da pessoa na época da experiência. Disso, desisti há muito tempo; mas fiquei então sem nenhuma pista até poucos dias atrás, quando vi uma ligação com a teoria sexual.¹

1 Masson, J. M. (Org.). (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)*. Imago. p. 391.

Mais de um século depois dessa célebre carta, a psicanálise segue às voltas com os desafios que ocupavam Freud, magistralmente enunciados neste simples parágrafo: escolha da neurose, trauma sexual, temporalidade e teoria da sexualidade. Muito se avançou na própria obra freudiana e em diferentes correntes teóricas que tentam, com muito empenho, “tomar essa cidadela” na seara psicopatológica. Tal conquista, necessariamente parcial, avança e retrocede no desenvolvimento de uma teoria que pretende tecer redes simbólicas acerca do que a clínica nos revela cotidianamente. Nossas experiências, por vezes, lançam-nos aquém ou além da teoria, pressionando o edifício teórico a alargar seus alicerces, acrescentar andares e, por consequência, rever suas fundações.²

Se pudéssemos brincar com a metáfora proposta, imaginar a psicanálise como um edifício, não seria difícil considerá-lo um patrimônio arquitetônico com características bastante peculiares. A primeira delas, que merece destaque, refere-se ao fato de que estaríamos diante de uma construção infinitamente inacabada. O trabalho de restauro que ela exigiria não chegaria ao fim, estaríamos diante de um edifício vivo e em constante alteração. Isso porque cada nova experiência humana exigiria um reparo e, antes mesmo de finalizá-lo, outras experiências exigiriam mais trabalho. Algo próximo ao trabalho que a vida nos exige, com experiências que, com frequência, excedem nossas condições de simbolizá-las e nos fazem seguir (na melhor das hipóteses) construindo e reparando, sempre correndo um tanto atrás de algo que jamais se alcança plenamente. Essa exigência ininterrupta de trabalho psíquico se relaciona intimamente com nosso objeto privilegiado de investigação – o trauma psíquico, que teremos a oportunidade de acompanhar detidamente ao longo deste livro.

2 Fragmentos do texto aqui apresentado foram publicados por mim na *Revista Constructo de Psicanálise*, n. 4, sob o título “Trabalhando o (não) enigma da psicose com Jean Laplanche” (2019).

No entanto, supomos que nada disso seja surpreendente a vocês, leitores. Afinal, caso já tenham tido algum contato com a obra de Sigmund Freud, certamente já notaram como nosso mestre avança e retrocede ao longo de todos os seus textos, retornando aos anteriores e fazendo reparos que, por vezes, modificam consideravelmente o que estava sendo proposto anteriormente. E, para aqueles que elegeram este trabalho como sua primeira via de contato com as palavras de Freud, a pequena citação que escolhemos para abrir nossa aventura já demonstra o traço freudiano que estamos sublinhando e ao qual daremos destaque ao longo de nosso caminho. A partir de novas descobertas, Freud retorna às suas formulações já consolidadas anteriormente, questionando-as e, sem temor – ao menos aparente –, as contradiz, as critica e, quando necessário, as reformula. Assim, deixa um legado aos que vieram depois, como um convite para que os interessados se proponham ao exercício da psicanálise e, assim como ele, possam fazer quantos reparos sejam necessários para alcançar suas próprias experiências.

Mas não nos apressemos! Façamos desde já o exercício de retornar a Freud, pouco a pouco, em busca dos movimentos de seu pensamento em torno do nosso tema de interesse: o campo do traumático. Tema que carrega consigo necessariamente os outros termos destacados na carta para Fliess: escolha da neurose, temporalidade e teoria da sexualidade. E talvez não seja exagerado afirmar que o conceito psicanalítico de trauma psíquico e as teorizações em torno das quais ele foi desenvolvido formam um dos campos que mais exigiram de Freud reformulações, reparos e ressalvas.

Alguns anos antes da primeira carta apresentada, lemos, em outra carta de Freud – não menos célebre do que a primeira, destinada ao mesmo amigo alemão –, uma tentativa de esquematizar o que virá a ser chamado de aparelho psíquico. Nessa carta, datada de 6 de dezembro de 1896 (carta 52), Freud esboça um esquema do aparelho psíquico dividido em diferentes partes, cada uma

caracterizada por uma forma particular de registrar uma experiência. Seu objetivo é justificar que a memória não se faz presente de uma só vez e pode conter, por isso, “erros” a depender das condições dos registros realizados. O esquema complexo e minucioso de explicação do funcionamento da mente e de seus adoecimentos, ali apresentado, exigirá diversos reparos e correções ao longo dos anos, mas guardará algumas características particulares ao longo de toda a obra.

A mais importante talvez seja a concepção de recalçamento como falha na tradução ocorrida na passagem de um registro para o outro. Para Freud, o desprazer gerado por certas experiências provocaria alterações nas funções de pensamento, que levariam, por sua vez, a falhas de tradução dos estímulos na passagem das percepções para os signos de percepção, ou destes para a inconsciência, ou ainda desta para a pré-consciência ou, por fim, para a consciência. Desse modo, ele torna possível explicar o fato, a nosso ver extraordinário, de que uma pessoa possa adoecer de uma ideia. O esquema explicativo proposto é compreendido em íntima relação com a temporalidade e com a sexualidade. Deixemos que Freud explique com suas próprias palavras:

Gostaria de enfatizar o fato de que os registros sucessivos representam conquistas psíquicas de fases sucessivas da vida. Na fronteira entre duas dessas fases é preciso que ocorra uma tradução do material psíquico. Explico as peculiaridades das psiconeuroses através da suposição de que essa tradução não se tenha dado no tocante a uma parte do material, o que acarreta certas consequências. E isso porque nos atemos firmemente à crença numa tendência ao ajustamento quantitativo. Cada transcrição posterior inibe sua predecessora e esgota seu processo excitatório. Quando falta uma transcrição

posterior, a excitação é tratada de acordo com as leis psicológicas vigentes no período psíquico precedente e seguindo vias abertas naquela época. Assim, persiste um anacronismo: numa determinada província, ainda vigoram os fueros;³ estamos na presença de “sobrevivências”. (Masson, 1986, p. 209)

“Sobrevivências” que provocam no psiquismo um efeito de atualidade, ou seja, são lembranças que se comportam como acontecimentos. O que, segundo o autor, só pode ocorrer quando se trata de experiências sexuais, já que nesses casos as quantidades de excitação vão aumentando ao longo da vida à medida que o sujeito avança no desenvolvimento sexual. Por isso, uma experiência sexual ocorrida durante a infância pode ser “resgatada” pela memória a partir de outra experiência não necessariamente sexual ocorrida na adolescência, que se vincula à primeira, que retorna então como atualidade, provocando uma descarga desmedida e potencialmente traumática. O retorno de uma experiência recalçada coloca um limite à ação defensiva do mecanismo recalçante. Assim, um evento sexual de uma fase do desenvolvimento retorna e age em outra fase como atual, impedindo que o sujeito arme suas defesas e o iniba, por exemplo.

Vemos como, até então, ainda nos anos 1890, a ligação entre trauma e sexualidade é bastante íntima. No entanto, o que aqui é evidente e reiterado pelo pesquisador vienense não será tratado da mesma forma ao longo de todas as suas décadas de produção teórica e experiência clínica. Além disso, outro ponto já evidente aqui é o efeito da temporalidade: o acontecimento traumático exige ao menos dois tempos – o chamado *après-coup*, *Nachträglichkeit* –, ou

3 *Fueros* eram antigas leis espanholas, vigentes em determinada cidade ou região, que resguardavam privilégios para seus cidadãos a despeito do passar do tempo e das reformulações ocorridas no sistema de leis vigente no país.

seja, é preciso, no mínimo, dois momentos para que o trauma se configure. Tal noção será de fundamental importância não apenas na construção de uma teorização sobre o trauma, mas também na própria concepção das estratégias de tratamento, que contarão com o fator regressivo, inerente ao *après-coup* como condição de possibilidade para a resignificação de vivências ao longo dos processos analíticos.⁴ Neste trabalho, teremos a chance de acompanhar, década a década, quais reparos Freud propõe ao seu edifício, quais pilares fundamentais ele briga por manter e quais as paredes que caem para que determinados espaços conceituais ganhem maior amplitude.

É com essa mirada que convidamos o leitor a nos acompanhar nessa aventura de mais um retorno a Freud. Iniciaremos tentando justificar nosso interesse em nos lançarmos em um terreno já bastante explorado pelas mãos de inúmeros autores de grande porte: o campo do traumático. Embora saibamos que a ambição de ser original em uma pesquisa em psicanálise não é uma boa aliada, também é verdade que abandoná-la completamente nos parece tornar a tarefa árdua demais, por ameaçar a paixão necessária para que nos lancemos a desenhar um trajeto singular em campos vastamente explorados. Assim, nossa pretensão ambiciosa e apaixonada será resguardada, com cuidado e medida, para que nosso motor continue a rodar no ritmo necessário, sempre atentos aos riscos de pane elétrica. Teremos a nosso favor a chance de encontrar diversos comentadores da obra freudiana pelo caminho e lançaremos mão de sua ajuda, sempre que necessário.

4 Para um aprofundamento dessa questão, remetemos o leitor interessado a este recente trabalho: Chevret (2021). Nesse artigo, Bernard Chevret desenvolve uma discussão interessante acerca da perspectiva do trauma em Freud, destacando, ao final, a presença do traumático nas tendências dos dois grupos de pulsões: as pulsões de vida e as pulsões de morte. Tal ideia também será trabalhada por nós no quinto capítulo deste livro.

Entre os inúmeros autores que se dedicaram a trabalhar neste campo arenoso do trauma psíquico, gostaríamos, de saída, de destacar dois deles: Sándor Ferenczi e Jean Laplanche. A nosso ver, ambos se destacam e estão em diálogo por terem colocado nosso objeto de investigação – a teoria do trauma – no centro da articulação entre metapsicologia e clínica (Ribeiro, 2018, p. 259). Além disso, reconhecemos em ambos a ênfase em duas ideias de fundamental importância para nós, que servirão de fio para conduzir nossa atenção ao longo de toda nossa jornada: a fonte exógena do trauma e a assimetria inescapável entre a criança e o adulto, com suas inúmeras consequências para a constituição psíquica e para a conquista da alteridade. Pedimos paciência com o estado inacabado dessas proposições; esperamos que elas se tornem mais claras ao longo do percurso. Pelo instante, teremos que contar com a confiança daqueles que nos leem, para que topem aceitar e suportar a condição ainda fragmentada de nosso raciocínio.

Começamos apresentando Jean Laplanche, o mais contemporâneo dos dois. Reconhecido pelo rigor de sua leitura da obra freudiana e seu empenho incansável em “fazê-la trabalhar”, o psicanalista francês percorre diversos pontos do desenvolvimento teórico freudiano. Tomamos a liberdade de destacá-lo como uma espécie de “freudólogo”, pelo ímpeto de se manter em diálogo com Freud, seja para concordar, seja para discordar, mantendo, como ele mesmo nomeia, uma relação de *infidel fidelidade* (Laplanche, 2007/2015, p. 258) com a palavra do seu mestre. Para ele, é fundamental *fazer justiça ao texto*, colocar limite à violência em relação à tradução e à interpretação das obras. Por isso, propõe uma leitura de Freud atenta aos desvios e ao que localiza como sintoma no seu desenvolvimento científico. Acompanhando de perto cada um dos reparos que Freud propõe a seu edifício teórico, Laplanche constrói, após algumas décadas de dedicação à obra freudiana, uma análise consistente que lhe permite questionar algumas escolhas

do seu mestre e justificar suas próprias escolhas na construção de uma obra singular e original. Dados os limites deste trabalho, não poderemos nos ater à apresentação cuidadosa que a complexa obra de Jean Laplanche mereceria. Vamo-nos contentar em apresentar os principais pilares que justificam o destaque que estamos dando a ele aqui.

Ao tomar o texto freudiano como material de análise, Laplanche passará, a partir de um momento, a criticar posições freudianas acerca da compreensão dos traumatismos e da sexualidade, diferenciando-se delas. Entre esses “tropeços” localizados, a região de primeiro ataque é a primeira teoria da sedução, abandonada por Freud, e sua relação com a concepção da sexualidade e o nascimento do sujeito psicanalítico.

Para Laplanche, o nascimento do sujeito psicanalítico ocorre a partir de um trauma sexual constitutivo, discutido no início da teorização freudiana e abandonado precocemente junto à sua Neurótica, como teremos a oportunidade de acompanhar de perto em nosso terceiro capítulo: “A segunda década (1901-1910): da natureza endógena do sexual à significação formativa do trauma; da investigação arqueológica à descrença na Neurótica”. O abandono por Freud da sua primeira teoria da sedução, em 1897,⁵ impõe à sedução a condição de mito. Esta deixa de ser entendida como um fato acontecido na história individual de um sujeito e adquire o estatuto de dado estrutural remetido à pré-história da humanidade e justificado pelo desamparo primordial inescapável à espécie humana. Veremos essa argumentação freudiana em detalhes ao final do nosso quarto capítulo: “A terceira década (1911-1920): dos pontos de fixação à verdade pré-histórica; da interpretação ao elogio à paciência”.

5 A respeito, ver a Carta de 21/09/1987 de Freud a Fliess, em Masson (1986).

Freud propõe que a experiência de trauma sexual “lembrada” pelas pacientes histéricas seria uma lembrança encobridora da atividade autoerótica infantil, posteriormente ressignificada pela sexualidade adulta e, então, punida.

o conhecimento seguro de que não há indicações da realidade no inconsciente, de modo que não se pode distinguir entre verdade e ficção que foram catexizadas pelo afeto. . . . Eu estava a tal ponto influenciado [por isso] que estava pronto a desistir de duas coisas: da resolução completa de uma neurose e do conhecimento seguro de sua etiologia na infância. (Masson, 1986, pp. 265-266)

Esse é o momento histórico da obra freudiana em que a fantasia toma a cena, deslocando o traumatismo e seu efeito patogênico para os bastidores. A realidade psíquica adquire soberania, e a hipótese de fantasia de sedução criada pela criança se torna o argumento que justifica uma certa noção endógena da fantasia, ou seja, a fonte da fantasia infantil deixa de ser exógena – um fato ocorrido na relação com o adulto – e passa a ser endógena – a sexualidade infantil e a pulsionalidade. É justamente essa concepção que tanto Ferenczi quanto Laplanche, cada um a seu estilo, questionarão, abrindo caminho para a construção de um novo modo de entender os traumatismos. Tal modo retorna já na própria obra de Freud – ainda que em estado embrionário – em especial em suas duas últimas décadas produtivas, como o leitor poderá acompanhar, passo a passo, em nossos quinto e sexto capítulos.

Dada esta breve apresentação de um de nossos interlocutores, antes de demonstrar o desenvolvimento da questão que trabalharemos, pedimos licença para recuperarmos nossa tarefa principal e retornarmos a Freud a fim de expor mais uma porção do terreno

sobre o qual edificaremos nossa pesquisa. Voltemo-nos à questão destacada em nossa citação de abertura: “Quando é que uma pessoa fica histérica, em vez de paranoide?”, e tentaremos desenvolver uma argumentação que discorra dessa escolha.

Em 1894, no texto “As neuropsicoses de defesa”, as organizações psicopatológicas são analisadas em relação à defesa, cujo funcionamento é basicamente a divisão da consciência – hipótese confirmada a partir de sua investigação no campo das neuroses, prioritariamente as histerias. O Eu rejeita uma representação incompatível e intolerável, expulsando-a junto com seu afeto, gerando como efeito uma confusão alucinatória. O método do aparelho psíquico consiste em “cegar as fontes de onde tais representações emanavam” (Freud, 1894/1992, p. 58, tradução nossa).⁶ Para isso, o Eu se desliga parcialmente da realidade, visando se proteger da acentuação da representação decorrente de cada aproximação entre a região representacional expulsa e a consciência, o que figura uma “fuga para psicose”. O Eu se comporta como se a ideia não lhe tivesse ocorrido, radicalizando a evitação via um retorno sensorceptivo. A realidade, embora rejeitada, segue existindo, o que exige do aparelho um trabalho constante para manter distância.

6 Neste trabalho, foram utilizadas as seguintes traduções da versão original das obras completas de Sigmund Freud, apresentadas em ordem cronológica: *Sigmund Freud – Obras completas*, publicadas pela Amorrortu, tradução direta do alemão para o espanhol de José L. Etcheverry; *Obras completas de Sigmund Freud*, publicadas pela Companhia das Letras, tradução direta do alemão para o português de Paulo César de Souza; e as *Obras incompletas de Sigmund Freud*, publicadas pela editora Autêntica, com tradução direta do alemão para o português realizada por diversos tradutores (assinalados mais adiante nas referências bibliográficas). A eleição dessas publicações deveu-se à confiabilidade nos trabalhos de tradução e à escolha por traduções diretas da versão original. A prioridade foi dada às publicações da editora Autêntica, seguidas pelas da Companhia das Letras e, por último, pelas da Amorrortu, em espanhol. A escolha pela publicação em espanhol se justificou pela falta de traduções de nossa confiança de determinados textos para a língua portuguesa.

Desse modo, a “escolha da psicose” gira em torno da resposta psíquica à representação intolerável, que inclui “cegar as fontes” e se afastar. Esse é o esboço explicativo da teoria das psicoses em Freud, que, embora tenha se complexificado muito no decorrer da obra, manteve-se fiel ao essencial contido nessa explanação, em termos metapsicológicos.

Representação intolerável: dois termos muito complexos se quisermos levar nossa investigação aos princípios da constituição psíquica. Quanto já aconteceu para que uma representação se forme ou não, e ainda para que seja intolerável ou não? As respostas psíquicas a uma representação sempre guardam alguma relação com os momentos constitutivos do psiquismo. Voltamos, então, a mais um trecho da nossa citação de abertura: “achei que isso dependia da idade em que ocorria o trauma sexual – da idade da pessoa na época da experiência” (Masson, 1986, p. 391). De qual idade e de qual trauma ele nos fala?

Nossas tentativas de responder nos lançam ao terreno misterioso e polêmico dos primórdios da constituição psíquica. Jean Laplanche, em seu livro *Novos fundamentos para a Psicanálise* (Laplanche, 1987/1992), propõe uma imagem que servirá para ilustrar sua concepção de desenvolvimento psíquico, e aqui nos servirá para recuperar a metáfora das edificações, deixada algumas páginas atrás, desde uma nova perspectiva. Na tentativa de explicar a relação entre o registro do autoconservativo e o registro da sexualidade, ele propõe o seguinte:

pensemos na construção contínua de um edifício no correr dos séculos, dos milênios, um palácio ou um templo proto-histórico com os remanejamentos e adjunções sucessivos que essa evolução comporta. Cada soberano, cada geração de sacerdotes acrescenta um novo estrato à antiga edificação, mas com a particularidade

(indispensável para o meu exemplo) de que, no entre-tempo, mudaram a técnica e os materiais. Passou-se da madeira ao tijolo cru, deste à pedra, seca ou com argamassa, etc.

Evidentemente, se se constrói em pedra sobre o tijolo cru, as fundações desabam. É então preciso fazer tudo de novo, ou será possível “recuperar os alicerces”? Recuperar os alicerces é, após escoramento, escavar as fundações para recimentá-las de maneira mais sólida – atualmente “injeta-se” concreto – sem ter mudado nada das superestruturas. (Laplanche, 1987/1992, pp. 64-65)

A metáfora serve para esclarecer como o desenvolvimento sexual do humano não se faz de uma só vez, mas retorna ao longo de toda a vida, reparando os alicerces do que foi adquirido no desenvolvimento de forma geral (do corpo e do psicológico). Ou seja, “a cada instante, em cada situação, as motivações sexuais inconscientes vêm infiltrar, injetar, dar coerência a uma autoconservação mais ou menos deficitária” (Laplanche, 1987/1992, p. 66). Em primeiro lugar, já vemos aqui como não apenas a psicanálise seria considerada um patrimônio arquitetônico infinitamente inacabado, mas que ela assim o é devido às peculiaridades de seu próprio objeto de estudo – o psiquismo humano. E, mais do que isso, que tais reparos e os erros aos quais somos constantemente remetidos na tentativa hercúlea de compreender psicanaliticamente nossas experiências clínicas e cotidianas devem-se ao fato de que, como nos alerta Laplanche (1987/1992), “é o próprio sujeito humano (como nosso arquiteto) que nos induz ao erro, pois mudou as fundações de seu edifício” (p. 66).

Se precisássemos localizar o sujeito humano como arquiteto em alguma das tradições das escolas de restauro e conservação

vigentes na arquitetura, o situaríamos, sem sombra de dúvida, na tradição da escola francesa, sob a égide de Viollet-le-Duc, para quem importava menos a fidedignidade com os monumentos e sua historicidade do que a chance de criar inventivamente sobre aquilo que se encontrou em estado de degradação. Segundo essa grande figura da doutrina e da prática do restauro, “Restaurar um edifício é restabelecê-lo num estado completo que pode nunca ter existido em determinado momento” (Viollet-Le-Duc citado em Choay, 1982/2014, p. 160).

Logo, a tentativa freudiana de situar, como um “X” no mapa, a idade e a natureza do trauma sexual, que determinariam o ponto exato da bifurcação entre adoecimentos neuróticos e psicóticos, perde um tanto a pertinência. Teremos a oportunidade de acompanhar, em um ritmo mais lento e cuidadoso, ao longo dos capítulos que seguem esta introdução, como Freud vai aos poucos ampliando a discussão sobre a escolha da neurose. Tal ampliação permite que ele alcance, ao final de sua obra, uma perspectiva na qual se inclui, entre a neurose e a psicose, um enorme contínuo de organizações psíquicas, nomeadas por ele “neuroses graves”. Todo esse campo de adoecimentos, que atualmente é nomeado não neurose, transtornos *borderlines*, adoecimentos narcísico-identitários, no qual a importância de compreender e considerar os efeitos dos traumatismos é indiscutível.

A característica atemporal do traumático, seu efeito sempre atual e não passageiro – que Freud já tentava explicar em 1896, em sua intuição acerca dos *fueros* e das “sobrevivências” psíquicas –, representa um dos maiores desafios clínicos no tratamento desse largo espectro de casos. Estaríamos, em alguns momentos, enquanto clínicos, diante da impossível tarefa de restaurar um edifício enquanto ele desaba. Evidentemente, empreender tal tarefa exige técnicas cuidadosas e sofisticadas. Algo próximo ao que Anna Potamianou (2015) sintetiza como:

Ao converter as cargas energéticas que escapam à figuração, as construções do analista desatam o pensamento encapsulado do paciente e abrem caminho para a recuperação de memórias ou para o surgimento de convicções que dizem respeito a um passado recém construído. Sensações e eventos somáticos tornam-se parte de um texto psíquico que é integrado em uma narrativa mítica-histórica tecida durante o trabalho analítico. O processo muda o destino de quantidades de cargas brutas, tanto no domínio da autopreservação como no da sexualidade. . . . Isto implica que o analista concentre suas intervenções principalmente no processo e menos no conteúdo. . . . Se o analista conseguir dar às repetições compulsivas o significado de um enactment na transferência, assim como o de um desejo arraigado na relação passado/presente da dupla analítica, então esse destino fatal na história humana pode servir como um agente de mudança. (pp. 961-962, tradução nossa)

Entretanto, para alcançar tais proposições contemporâneas, será preciso recuar no tempo em busca do autor a quem pensamos que tais desenvolvimentos em parte se devem. Chamaremos a nosso auxílio o outro interlocutor com quem manteremos, ainda que de forma oculta, um diálogo constante. Sándor Ferenczi foi o primeiro a recusar a concepção freudiana de traumatismo exclusivamente atrelado ao desamparo biológico primordial. É essa concepção de trauma que Ferenczi tentará relativizar à medida que ele retoma a importância do fator traumático na explicação dos quadros psicopatológicos.

Quanto à importância da alteridade na constituição do trauma, Ferenczi parece manter-se sempre afirmativo,

sem nunca ter abandonado aquilo que a situação clínica revelava, ou seja, que o trauma é fundamentalmente resultado de uma ação de um outro sobre o sujeito (ou um corpo) traumatizado. No embate entre o primado da fantasia (que acaba por predominar na maior parte da teorização freudiana) e o primado da realidade, Ferenczi, entre os psicanalistas mais próximos de Freud, é o que primeiro retorna à valorização da realidade externa para a constituição das experiências subjetivas, ou até mais, à primazia constitutiva da realidade externa na instalação do trauma psíquico. (Coelho Junior, 2018, p. 129)

Parece-nos que o que Ferenczi tenta defender junto a seu mestre é a relativização do aspecto trágico e puramente intrapsíquico do trauma presente nas duas teorias do traumatismo construídas por Freud. Falta a elas o aspecto intersubjetivo do evento traumático. É exatamente nesse ponto que Ferenczi centrará seus esforços, empenhando-se em avançar na articulação das ideias de Freud com o que sua clínica – na qual as neuroses traumáticas e os chamados casos difíceis tinham prevalência – revelava-lhe. Seu esforço contínuo é em articular as ideias freudianas fazendo-as avançarem até o alcance do que os desafios clínicos exigiam. Desse modo, Ferenczi recusa o aspecto estrutural do trauma questionando o nascimento como protótipo da experiência traumática e defendendo que os “traumas reais” se referem aos processos de adaptação da criança à família, ao convívio social e ao abandono da infância (Dal Molin, 2016, p. 180). Dessa forma, amplia consideravelmente a problemática do trauma, além de inverter o vetor adaptativo propondo que o trabalho ativo de adaptação deveria partir da família (Ferenczi, 1927/1992), e não da criança. Esta deve ser bem-acolhida pelo seu meio, caso contrário ficará “abandonada” à sua pulsionalidade

mortífera e poderá tender a rumar à destruição, em diversos aspectos (Ferenczi, 1929/1992).

Nessa perspectiva, o nosso apelo ao analista húngaro aqui se justifica, especialmente, pelos consistentes avanços empenhados por ele nas formulações acerca das inovações técnicas exigidas por essa clínica. Ao não recuar diante das análises com os chamados “casos difíceis”, Ferenczi pôde dedicar sua genial criatividade ao desenvolvimento de diversos escritos nos quais a técnica da psicanálise é profundamente trabalhada. Desse modo, ele proporrá reformulações e inovações consistentes que inspiram, até os dias de hoje, aqueles que se dedicam a essa clínica cada vez mais prevalente no mundo contemporâneo. Nos desenvolvimentos da chamada psicanálise contemporânea, a ideia de que determinados tipos de pacientes requerem revisões específicas nas teorias da técnica psicanalítica é um pressuposto bastante consolidado. Nesse sentido, devemos muito, sem dúvida, ao chamado *enfant terrible* da psicanálise e reconhecemos a potência inovadora de sua obra nesse âmbito.

Conhecendo-se as discussões atuais em torno dos enactments e actings outs, na esteira dos desenvolvimentos técnicos “pós-identificação projetiva”, não é muito difícil reconhecer, como já o fez André Green, Ferenczi como o pai de grande parte da psicanálise contemporânea. A atenção para experiências psíquicas que remontam a conteúdos que nunca foram conscientes (ou pré-conscientes), anteriores à compreensão verbal, fazem de Ferenczi o patrono das discussões técnicas que até hoje nos incitam e fazem pensar. Para ele, em alguns momentos, a atitude de provocar uma ação era a alavanca necessária para que pudesse haver posterior elaboração, lado a lado com uma atitude de estreita sintonia com a experiência emocional do paciente para

melhor equalizar temporalmente as intervenções, que favorecessem o andamento da análise. (Coelho Junior, 2018, p. 166)

Para ele, antes que possa haver relação de objeto, há uma complacência absoluta do psiquismo em nascimento do bebê às impressões vindas de fora, o que pode gerar traumatismos nos quais não é possível considerar participação psíquica alguma, portanto, traumatismos desestruturantes. Disso resultam regiões não psiquizadas dentro do sujeito, regiões sombrias – o que ele chama de *regiões de morte dentro*. Decorrente dessa concepção de adoecimento temos, então, estratégias de tratamento que se distanciam daquelas que visam à desconstrução de defesas egoicas a partir da implicação do sujeito na construção das fantasias que o fazem sofrer. Isso é fundamental, já que as divergências entre Ferenczi e seu mestre, Freud, passam pela sua experiência clínica com casos em que os manejos da psicanálise clássica não surtiam efeito.

A interpretação excessiva, através do privilégio atribuído ao campo do inteligível, inibia certas manifestações mais regressivas. Coube a Ferenczi o mérito de formular a necessidade do acolhimento do infantil em análise, de maneira que novos sentidos pudessem ser criados pelos analisandos para suas existências severamente comprometidas, sobretudo se considerarmos a configuração subjetiva dos pacientes traumatizados com os quais lidava. Em “Análises de crianças com adultos”, de 1931, encontra-se uma formulação que revela o principal objetivo do estilo clínico ferencziano: em vez de falar da criança que habita o analisando através do instrumento interpretativo, seria preciso voltar a falar com a criança que se expressa em cada paciente em

análise. . . . No estilo clínico que assim se constituía, as balizas passavam a ser não mais associação livre, princípio de abstinência e interpretação, porém associação livre, regressão e jogo (ou brincar – Spielen em alemão; to play, no inglês de Winnicott), indicando que a aposta principal do trabalho analítico recaía agora na qualidade do encontro afetivo que se estabelecia na transferência. (Kupermann, 2008, p. 83)

Isso posto, poderíamos defender que a ilustração proposta por Laplanche – e apresentada por nós há algumas páginas – acerca das edificações nos oferece uma inspiração importante para a clínica. Seria possível, na relação analítica, acompanhar o sujeito na revisão das fundações de seu psiquismo, utilizando novas técnicas de que dispomos como analistas, a fim de recuperar os alicerces de uma constituição psíquica em risco de desabamento.

No entanto, embora inovador e autêntico, Sándor Ferenczi se esforça, ao longo de toda sua obra, para se manter em diálogo com Freud – o que nem sempre foi possível dadas as negativas do mestre a alguns dos avanços promissores de seu aluno. Teremos a chance, neste trabalho, de localizar alguns desses diálogos e sinalizar possíveis pontos de ancoragem de onde Ferenczi partiu em busca de suas verdades clínicas e metodológicas.

Recuperando então: nosso campo, como já anunciado, é a teoria do trauma. Ou seria melhor dizer: são as teorias do trauma elaboradas por Freud e as vicissitudes de cada uma delas no desenvolvimento das estratégias clínicas. Pretendemos avançar cronologicamente desde as primeiras proposições etiológicas da histeria – afecção psíquica à qual nosso autor deve a fundação de sua pesquisa –, que datam do final do século XIX, até as modificações propostas nos seus últimos artigos sobre a técnica, no final

da década de 1930. Nossa escolha por seguir cronologicamente a obra freudiana não se inspira na (a)temporalidade de nosso objeto de estudo. Poderemos compreender, algumas décadas adiante, como o tempo do traumático não obedece a uma cronologia. Aqui, seguiremos assim por pensarmos que tal método de investigação e apresentação das ideias facilitará o acesso do leitor ao modo de pensar e fazer psicanálise do próprio mestre Freud, além de permitir, quem sabe, que alguns dos que nos acompanham até o final possam eleger pontos privilegiados de interesse e voltar a eles na própria obra freudiana, quando lhes for necessário.

Acompanharemos, desse modo, os diversos momentos da teorização sobre o trauma na investigação freudiana. Nosso trajeto é longo, compreende cronologicamente a totalidade das décadas produtivas do doutor Freud, de forma que contaremos com o brilhantismo das ideias do nosso mestre e com a complexidade do nosso objeto para que a curiosidade se mantenha viva e nossa viagem possa ser prazerosa.

Para que o percurso se mantenha em mente ao caminhar, propomos que leve no bolso nosso mapa de trajeto. Ele será de grande valia nos momentos em que faltar um tanto de fôlego. Percorreremos essas décadas tendo como guia o que Freud descreve como o aspecto sexual do trauma, ou seja, o papel da sexualidade⁷ no que traumatiza e adocece seus pacientes, e o lugar que o outro (aspectos da realidade externa) ocupa na eclosão de uma situação traumática e em seu desenvolvimento. Temos clareza de que o que aqui destacamos – sexualidade e o lugar do outro – são regiões amplas e complexas, e nossa intenção não será destrinchar as polêmicas envolvidas nelas, o que nos desviaria e tornaria infinita e inacabável

7 De partida, vale lembrar que a própria ideia de sexualidade muda no decorrer da obra freudiana. Tentaremos sinalizar as mudanças para que o leitor nos acompanhe de perto.

nossa tarefa. Contamos com a paciência de quem nos acompanha para que mantenham em mente essas formas ainda incompletas. Esperamos esclarecê-las ao longo da viagem.



A leitura precisa e inteligente com que Thais Siqueira percorre longitudinalmente a obra freudiana, acompanhada por uma seleta, mas extensa, lista de comentadores de Freud e praticantes da psicanálise, parte de questões da clínica e, especialmente, da clínica dita contemporânea. Na verdade, essa “clínica contemporânea” não deixa de ser a clínica psicanalítica freudiana suplementada pelas intervenções decisivas de Sándor Ferenczi – ou seja, estamos lidando com o “contemporâneo permanente” da psicanálise, se é que me permitem o oxímoro. Cita-se sempre a boutade de André Green, que, perguntado sobre o que havia de novo em psicanálise, respondeu: “Freud”. Acho que a resposta mais correta seria “Freud e Ferenczi”. Melhor ainda: “não só Freud como, em vez dele, Ferenczi”.

– ***Luís Claudio Figueiredo***

série

PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Coord. Flávio Ferraz

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2240-8

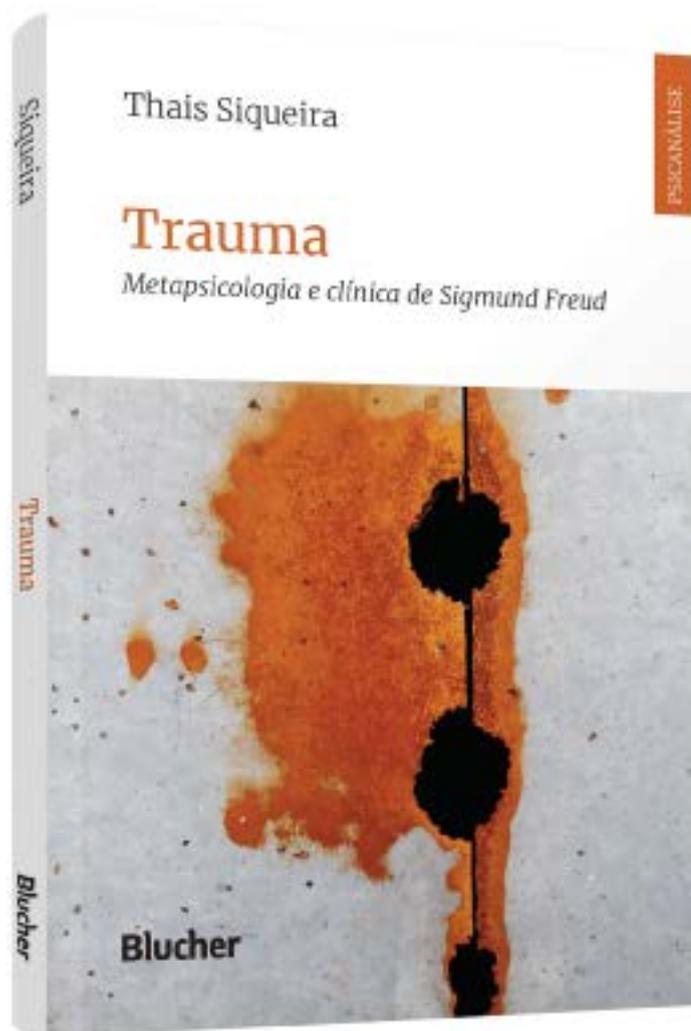


9 788521 222408



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Trauma

Metapsicologia e clínica de Sigmund Freud

Thais Siqueira

ISBN: 9788521222408

Páginas: 168

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2024
